

Seminario internacional
‘Al Otro lado de La Raya / Ao Outro lado de A Raia’

J. Marcos y M^a Ángeles Fernández

www.desplazados.org

1. O que é uma fronteira? Qual é o significado de fronteira?
2. Como é a fronteira entre Espanha e Portugal? E qual é o que divide?
3. A Raia e o jornalismo

1. O que é uma fronteira? Qual é o significado de fronteira?

A primeira e mais importante característica de uma fronteira é a de ser uma linha, mais ou menos imaginária, que une tanto como divide, dependendo de como se olhe e, sobretudo, de quem o olhe. A fronteira carrega a ambivalência (atrevemo-nos a dizer loucura) entre seus genes e, talvez por isso, ou precisamente por causa disso, inclusive podemos falar de fronteiras internas, de espaços incompletos e bastardos, de cruzamentos artificiais em que o mesmo desequilíbrio de formas tem feito cenas de um passado muito presente como para ser desprezado.

A definição tradicional de ‘fronteira’ como a linha divisória internacional que indica a demarcação geográfica e política entre um país e outro já foi ultrapassada desde o ponto de vista académico e social. A contemporaneidade demanda um conceito além dessa idéia, uma abordagem renovada que inclu condições históricas, sociais, econômicas, políticas e culturais que levaram a que essa linha fosse estabelecida. Já não é possível compreender a fronteira como algo inerte e unilateral, mas como o resultado de complexas relações de mulheres e homens, imbricadas por medo ou curiosidade eterna ao Outro e aos Outros. A fronteira não é apenas o limite simbólico de um território em oposição a Outro, mas é espaço de influências, de encontros, de relações, de trocas, de cumplicidades, de cooperação.

No seu conjunto, os espaços de fronteira nacionais evocam a imagem de áreas marginais, escassamente povoadas, pobres, mal vigiadas, propiciadoras de trocas clandestinas e de migrações humanas, espaços de insegurança, de encargos fiscais, de guerras e destruições, de ruína. É por isso que com frequência as fronteiras nascem e crescem desde uma perspectiva de vigilância, quando não bélica, materializada por os antigos castelos e atalaias, substituídos pelos actuais pontos de verificação e aduanas.

Falamos portanto de fronteira como parte de um espaço geopolítico convertido no campo de batalha contemporâneo. São fronteiras físicas, econômicas, culturais, raciais, sexuais, experienciais. É o espaço, não só físico, que gera o centro privilegiado e

o não-lugar das periferias, dos ninguém. Trata-se por isso de levar a sério este espaço geopolítico: não é o mesmo ter nascido em Chiapas que em Londres, nem nascer mulher do que homem, também não é o mesmo ter nascido a um lado da Raia do que ao Outro. Uma fronteira, hoje, não só se corresponde com as coordenadas geográficas sobre um mapa amassado.

Fronteiras são todos esses lugares que agitam as identidades. Desde e a partir da fronteira, as identidades não são rígidas nem imutáveis. São sempre transitórias, identidades em curso, em constante processo de transformação. As novas-velhas identidades constroem-se numa tensão permanente. Cabe, pois, perguntar-nos quem atende a complexidade destas fronteiras e das suas identidades. A resposta é múltipla: a Filosofia, a História, a Sociologia, as Humanidades, as Ciências Sociais, mas também e sem dúvida nenhuma o Jornalismo (por mais que o esqueça, com frequência tão centrado exclusivamente nas políticas dos altos cargos, nos modelos económicos fabricados em escritórios de Berlim, Bruxelas ou Washington).

Entendemos a fronteira como alteridade, como uma ruptura com a Mismidade (um tudo fechado). Significa aceitar que 'eu' (o meu povo, a minha classe, o meu partido, a minha igreja) não possui verdade absoluta. Este significado universal da alteridade deve particularizar-se em cada situação histórica e geográfica. Na década dos anos 70, o filósofo francês Henri Lefebvre caracterizava o espaço como algo moldável política e ideologicamente, como algo nunca neutro e sempre intencional. Esse pensamento torna-se ainda mais evidente hoje, com a exploração política e económica do território e das fronteiras.

O que é relevante aqui é que este encontro com 'o Outro', com 'os Outros', é permitido, prejudicado ou proibido por aquilo que entendemos por 'fronteira'. O essencial, então, não é o 'eu' nem o 'nós', mas o 'você' acompanhado dos 'vocês' e dos 'eles'. E finalmente, dos 'ninguém', essas pessoas com voz silenciada, apagada. São precisamente Eles, 'os Outros', a condição transcendental do Jornalismo ou, pelo menos, do nosso jornalismo.

A fronteira, em vez de um obstáculo ou um fato físico, mais do que uma divisão espacial e territorial, pertence à própria essência de separar e unir os seres humanos: a vida ou a vida em comum sem o Outro é o que está em jogo. No final dos anos 80 do século passado, a desregulamentação das relações sociais, o declínio do Estado-nação e à livre circulação pareciam prenunciar um mundo globalizado, onde as fronteiras deixariam de fazer sentido em algum momento. Entrados já no século XXI, não temos a certeza de que essas fronteiras, além do físico e da burocracia, estão a diluir-se. Um permanente estado de incertidumbre generalizada está indissoluvelmente ligado a uma acelerada e paralela construção das fronteiras.

Por espaço fronteiriço entende-se geralmente o território exclusivo sobre o qual exerce poder ou soberania um Estado-nação, embora a fronteira como conceito engloba sempre um espaço difuso de transição. As fronteiras são limites mais ou menos precisos e espaços de interação; ainda as mais duras e vigiladas são cruzadas uma e outra vez, às vezes com um esforço sem precedentes que custa vidas. A existência da fronteira convida a sua própria transgressão, em todos os sentidos. As fronteiras exigem a desocultação das verdades que escondem. Vale a pena conhecê-las melhor uns e outros.

As áreas fronteiriças são propícias para uma mistura de questões políticas, económicas, sociais, históricas, ambientais, urbanísticas e um largo etérea. Nesses contextos, o jornalismo tem uma oportunidade excepcional de desenvolvimento, acompanhada da obrigação da sua presença, também naquelas áreas mais olvidadas ou desfavorecidas.